



O QUE LEVA AS MULHERES A NÃO SEGUIR NA CARREIRA COMO ATLETAS DE BASQUETEBOL?

WHAT LEADS WOMEN NOT TO FOLLOW THE CAREER AS BASKETBALL ATHLETES?

¿QUÉ LLEVA A LAS MUJERES A NO SEGUIR LA CARRERA COMO DEPORTISTAS DE BALONCESTO?


Ana Carolina Urizzi


<https://orcid.org/0009-0006-3754-3182> 

<https://lattes.cnpq.br/7402244202720431> 

Universidade Estadual de Campinas (Limeira, SP – Brasil)
a231004@dac.unicamp.br


Bartira Pereira Palma


<https://orcid.org/0000-0002-7648-8060> 

<http://lattes.cnpq.br/5955792372543419> 

Universidade Estadual de Campinas (Limeira, SP – Brasil)
bartirapalma@gmail.com


Yura Yuka Sato dos Santos


<https://orcid.org/0000-0002-9422-6953> 

<http://lattes.cnpq.br/7508755808597936> 

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, SP – Brasil)
yura_sato@hotmail.com

Larissa Rafaela Galatti

<https://orcid.org/0000-0003-1743-6356> 

<http://lattes.cnpq.br/3409947437523352> 

Universidade Estadual de Campinas (Limeira, SP – Brasil)
lagalatti@hotmail.com

Resumo

Historicamente mulheres têm maior dificuldade de acessar práticas esportivas e de construir uma carreira no alto rendimento. Entender os motivos que dificultam esse processo pode contribuir com o desenvolvimento esportivo para mulheres. O objetivo deste estudo foi identificar motivos que levam mulheres a desistirem da carreira profissional no basquetebol. A partir de questionário online, respondido por 28 mulheres (M= 32,5±8,35 anos), estatística descritiva e análise temática, identificamos que o estado de São Paulo se destacou como a principal região de iniciação esportiva e a maioria das participantes concluíram o ensino superior. A necessidade de trabalhar e estudar foram fortes influenciadores para a desistência do esporte profissional, além do relacionamento com treinadores/as e ambiente de treino. Esses aspectos são acentuados devido à falta de investimentos estruturais na modalidade. Para que o alto rendimento seja uma possibilidade para mulheres no basquetebol é necessário que elas sejam amparadas financeiramente e que políticas públicas esportivas que valorizem o esporte de mulheres sejam pensadas.

Palavras-chave: Carreira Esportiva; Gênero; Motivadores; Desenvolvimento Esportivo.

Abstract

Historically women face more obstacles to access sports and to develop a career in elite sports. Understanding the variables that interfere in this process may contribute to women sport development. The objective of this study was to identify the reasons that lead women to give up their professional basketball careers. From an online



questionnaire, answered by 28 women ($M= 32.5\pm 8.35$ years), descriptive statistics and thematic analysis, we identified that the state of São Paulo stood out as the main region for sports initiation and the majority of participants completed higher education. The need to work and study were strong influencers for giving up professional sport, in addition to the relationship with the coach and training environment. These aspects are accentuated due to the lack of structural investments in the modality. For high performance to be a possibility for women in basketball, it is necessary that they are financially supported and that public sports policies that value women's sports are designed.

Keywords: Sports Career; Gender; Motivators; Sports Development.

Resumen

Históricamente las mujeres enfrentan más obstáculos para acceder al deporte y desarrollar una carrera en deportes de élite. Comprender las variables que interfieren en este proceso puede contribuir al desarrollo del deporte femenino. Las investigaciones se han centrado en la trayectoria de los deportistas profesionales, presentando un vacío en la literatura respecto de aquellos que no alcanzaron un alto rendimiento. El objetivo de este estudio fue identificar los motivos que llevan a las mujeres a abandonar su carrera profesional en el baloncesto. A partir de un cuestionario online, respondido por 28 mujeres ($M= 32,5\pm 8,35$ años), estadística descriptiva y análisis temático, identificamos que el estado de São Paulo se destacó como la principal región de iniciación deportiva y la mayoría de los participantes completaron la educación superior. La necesidad de trabajar y estudiar fueron fuertes influenciadores para abandonar el deporte profesional, además de la relación con el entrenador y el entorno de entrenamiento. Estos aspectos se acentúan por la falta de inversiones estructurales en la modalidad. Para que el alto rendimiento sea una posibilidad para las mujeres en el baloncesto es necesario que se les apoye económicamente y que se diseñen políticas públicas deportivas que pongan en valor el deporte femenino.

Palabras clave: Carrera Deportiva; Género; Motivadores; Desarrollo Deportivo.

INTRODUÇÃO

A inserção das mulheres no esporte e o gradativo aumento da participação feminina foram conquistados por meio da luta por igualdade. As mulheres foram, por centenas de anos, proibidas de praticar esportes, e quando sua participação foi permitida, foram impostos limites para que sua "feminilidade" (i.e. compreensão hegemônica) não fosse comprometida (GIGLIO et al., 2018).

Dados atuais já mostram que a participação esportiva feminina de forma geral é a maior de todos os tempos (LAVOI; BAETH; CALHOUN, 2019). A edição dos Jogos Olímpicos de Tóquio, que ocorreu em 2021, foi a primeira que contou com equalização de gêneros, de acordo com o Comitê Olímpico Internacional, que afirmou que 48% de todos os atletas eram mulheres (COI, 2021). Na delegação brasileira, 46,5% dos atletas eram mulheres.

Embora haja uma crescente participação de mulheres no esporte em geral, ainda observamos uma escassez na oferta de prática de basquetebol para meninas e mulheres em todas as faixas etárias e expressiva redução do número de praticantes no país (GALATTI et al., 2015, 2021). Isso evidencia um contexto desfavorável para o desenvolvimento de atletas e, na ausência de um plano para a melhora desse cenário, é possível esperar uma tendência de queda ainda maior na quantidade de mulheres praticantes em todos os níveis. Um exemplo desta situação pode ser observado quando se compara as principais ligas de basquetebol no





país em 2018, sendo que a LBF (Liga de Basquete Feminino) era composta por 105 atletas brasileiras divididas em 9 times (GALATTI et al., 2021), enquanto a liga masculina (Novo Basquete Brasil, NBB) contava com 14 equipes, totalizando 220 atletas (NBB ESTATÍSTICAS, 2019).

Para além da quantidade de praticantes de basquetebol em todos os níveis, o cenário aponta para um futuro preocupante quando pensamos na sustentabilidade da modalidade. O Brasil apresenta um histórico de potência mundial no basquetebol feminino, colecionando títulos em campeonatos mundiais, pan-americanos e olímpicos. Entretanto, desde os Jogos Olímpicos de 2008 notou-se uma queda no desempenho brasileiro, culminando na não classificação em competições de nível mundial, como o Campeonato Mundial de Basquete (2018), e os últimos Jogos Olímpicos de 2020. Desde 1976 esta foi a primeira vez que a seleção brasileira feminina não foi classificada para participar dos Jogos Olímpicos. Para a edição de Paris 2024, a seleção feminina também não se classificou. Estes dados evidenciam um alerta para o basquetebol feminino brasileiro.

Este contexto pode estar relacionado ao modelo de desenvolvimento esportivo vigente no Brasil, que tradicionalmente estipula uma trajetória para o esporte de alto rendimento em formato de pirâmide (GALATTI et al., 2018). Na base da pirâmide está a iniciação esportiva que conta com uma grande quantidade de participantes. Ao longo da formação essa pirâmide vai se afunilando, e apenas aquelas pessoas consideradas os ou as melhores atletas seguem no esporte, enquanto as demais pessoas abandonam ou são excluídas da prática gradativamente. O desempenho de atletas depende de oportunidades e investimento financeiro, além de muito esforço físico e mental, sendo que o ambiente em que os e as atletas estão inseridos(as) influencia diretamente o crescimento profissional e intrapessoal (BENELI, 2018; GALATTI et al., 2021). O modelo em formato de pirâmide tem sido criticado na literatura por estimular a especialização precoce e por levar a altos índices de abandono do esporte. Por isso, modelos alternativos têm sido propostos a fim de se atingir resultados mais promissores e adequados aos diferentes níveis de envolvimento com o esporte e de acordo com as características intrínsecas de cada faixa etária (FRASER-THOMAS; CÔTÉ, DEAKIN, 2010).

Como alternativa, o Modelo de Desenvolvimento da Participação Esportiva (MDPE; CÔTÉ, 1999) aponta para algumas características essenciais para que o desenvolvimento esportivo seja saudável para participantes em todos os níveis, sendo priorizada a participação





e experimentação na fase inicial e a especialização em uma ou mais modalidades posteriormente. Esse modelo busca promover a qualidade de vida e um envolvimento saudável com o esporte, seja ele de participação ou de desempenho (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014).

O MDPE não prevê, por exemplo, separação por gêneros na fase de iniciação esportiva, e prevê garantia de ampla oportunidade de prática esportiva, nas mais diversas modalidades para todas as crianças (CÔTÉ; VIERIMAA, 2014). Entretanto, é necessário que a implementação dos modelos de desenvolvimento esportivo considerem o recorte de gênero, visto que meninas e mulheres enfrentam dificuldades específicas de acesso à prática esportiva (Comitê Olímpico Brasileiro, 2022). Pesquisas com o intuito de estudar a trajetória de atletas de elite desde a sua formação foram realizadas nos últimos anos, com enfoque em diferentes aspectos, tanto a nível pessoal, quanto profissional (BENELI, 2018; GALATTI et al., 2021). Entretanto, essas pesquisas são direcionadas, quase exclusivamente, a atletas profissionais, de seleção ou de clubes reconhecidos, o que evidencia uma lacuna quanto à perspectiva de quem não chegou ao alto rendimento e à compreensão dos motivos de isso ter acontecido.

Diversas razões podem ser atribuídas ao abandono do percurso para o alto rendimento, dentre elas é importante destacar questões como o perfil socioeconômico, a cor da pele e o próprio fato de serem mulheres, que influenciam nas oportunidades oferecidas e no desenvolvimento esportivo como um todo. Por exemplo, dados estatísticos mostram que mulheres negras estão entre as pessoas que menos estão envolvidas com a prática regular de esportes e atividades físicas (PROGRAMA NADAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, 2017). O entendimento desses motivos pode contribuir com a implementação de programas esportivos mais adequados para a modalidade basquetebol feminino, com o intuito de fomentar o desenvolvimento e a longevidade da modalidade e das atletas, incluindo no esporte de alto rendimento. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é descrever os fatores que influenciaram mulheres que praticaram basquetebol com o objetivo de construir uma carreira esportiva profissional a desistirem da trajetória para o basquetebol de alto rendimento.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Desenho Geral do Estudo





Este estudo descritivo se caracteriza por procedimentos de métodos mistos (CRESWELL, 2007). Aplicamos um questionário retrospectivo desenvolvido para esta pesquisa em mulheres que praticam ou já praticaram basquetebol, tiveram a intenção, mas que não chegaram à carreira profissional.

O acesso às participantes ocorreu por meio da divulgação da pesquisa em grupos de redes sociais vinculados a mulheres praticantes de basquetebol como esporte de participação e em grupos de contatos e de estudo das pesquisadoras. Os critérios de inclusão foram: ser brasileira e ter 18 anos ou mais; já ter praticado basquetebol de forma sistemática; ter tido o desejo de ser atleta de alto rendimento na modalidade. Os critérios de inclusão e o link para o questionário foram disponibilizados na divulgação da pesquisa e, aquelas que entenderam atender aos critérios de inclusão tiveram acesso primeiramente ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde tiveram acesso a informações mais detalhadas sobre a pesquisa. Após a leitura, as que concordaram em participar da pesquisa indicaram sua vontade assinando o campo adequado no formulário e, só então, tiveram acesso ao questionário eletrônico. Ao final do processo, uma cópia das respostas foi enviada para as pesquisadoras e outra para a participante.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Campinas.

Participantes

Participaram deste estudo 28 mulheres ($M = 33,14 \pm 8,20$ anos). As participantes eram das regiões Norte (10,71%), Nordeste (17,85%), Sudeste (57,14%) e Sul (14,28%) do Brasil, e se identificaram entre 5 etnias diferentes, sendo elas: Branca (60,71%); Negra (25,00%); Amarela (7,14%); Parda (3,57%); e indígena (3,57%). O nível de escolaridade é alto, considerando que 53,57% tem uma pós graduação completa e 14,28% tem uma pós graduação incompleta, enquanto que 10,71% completou o ensino superior e 17,85% não chegou a completar o ensino superior, e apenas 3,57% tem o ensino médio completo. A maioria das mulheres (71,42%) afirmou que sua renda familiar atual corresponde a mais de R\$4.400,00 por mês, enquanto o restante das participantes se dividiu entre faixas salariais menores, sendo 3,57% entre R\$3.300,00 e R\$4.400,00; 10,71% de R\$2.200,00 a R\$3.300,00; 10,71% de R\$1.100,00 a R\$2.200,00; e 3,57% até R\$1.100,00. Uma das limitações do estudo é que não





verificamos o número de integrantes nas famílias das participantes para compor um quadro proporcional da renda.

Instrumento

O questionário utilizado nesta pesquisa foi desenvolvido pelas pesquisadoras especificamente para este estudo, com base na literatura especializada (BENELI, 2018; GALATTI et al., 2021). As questões englobam: (1) perfil socioeconômico: o local de nascimento (cidade, estado), data de nascimento; nível de escolaridade; características da prática inicial de basquetebol (cidade onde começou a praticar, cidade onde começou a competir, local de prática - clube, escola, projeto social e idade de início da prática); percepção da classe social quando começou a praticar e auxílios financeiros recebidos; percepção da presença de outras meninas e mulheres e de pessoas negras no local de treino e quais funções essas pessoas ocupavam; (2) variáveis de treinamento: relação com o/a treinador/a e colegas de equipe; interrupção da prática (definitiva ou momentânea); nível de competição; características do treinador ou treinadora. No total, o questionário continha 50 perguntas, abertas e fechadas. O instrumento passou por avaliação de juíza e população alvo. Duas pessoas, uma especialista no tema, doutoranda, e uma ex-atleta, aluna de graduação em Ciências do Esporte, analisaram o questionário tendo em vista a clareza e adequação da linguagem considerando a população alvo e o as variáveis que seriam avaliadas, a relevância e abrangência das questões para avaliar o tópico proposto.

O instrumento foi construído para ser aplicado de maneira *online*, por meio da plataforma *Google Forms*. Foram coletados dados de identificação das voluntárias como forma de entrar em contato, caso houvesse dúvidas sobre alguma resposta, e para evitar duplicatas.

Análise de Dados

Analisamos os dados quantitativos por meio de estatísticas descritivas, buscando padrões ou tendências nas respostas. Para as resposta qualitativas, utilizamos a Análise Temática, envolvendo seis fases: (1) familiarização com os dados - processo de imersão profunda nos dados por meio de leituras repetidas de forma analítica, realização de notas e atribuição de sentido ao conteúdo; (2) codificação inicial – identificação de tópicos de interesse nos dados, com relevância para a pergunta de pesquisa; (3) identificação dos temas emergentes - processo de organização dos códigos em potenciais temas, que são significados





mais abrangentes, que captam mais do que uma ideia específica; (4) refinamento – processo de revisão dos potenciais temas a fim de verificar possíveis interpretações errôneas e se a interpretação é coerente e representa bem os dados; (5) definição e nomeação dos temas – processo em que se evidencia e refina o escopo e o foco de cada tema; (6) produção do relatório – consistem em compilar, desenvolver e editar o texto já produzido no processo analítico (BRAUN; CLARKE; WEATE, 2016). Esse processo permitiu agruparmos os temas dedutivamente, ou seja, com questões definidas a priori, e subtemas de forma indutiva, possibilitando indentificar os motivos de desistência da trajetória do alto rendimento pelas participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Agrupamos os resultados em dois temas: (1) trajetória esportiva; (2) motivos de desistência do alto rendimento. O primeiro tema traz os subtemas: (1.1) faixa etária em que ocorreram determinados episódios esportivos, (1.2) o contexto de iniciação esportiva, e (1.3) questões motivacionais para iniciar, permanecer e almejar o esporte de alto rendimento. No segundo tema organizamos os dados em quatro subtemas, divididos pelas principais questões que levaram as participantes a não seguirem no esporte de alto rendimento, sendo eles: (2.1) aspectos financeiros, (2.2) prioridade aos estudos, (2.3) ambiente esportivo, e a (2.4) influência do/a treinador/a.

Trajетória Esportiva

Faixa etária

A Tabela 1 apresenta as faixas etárias em que as participantes indicaram terem iniciado a prática em esportes coletivos, a idade que começaram a desejar ser atleta de alto rendimento no basquetebol, e que desistiram da trajetória para o esporte de alto rendimento.

Em resumo:

- A. A maioria das participantes iniciou a prática de esportes coletivos entre 10 e 12 anos
- B. O desejo de ser atleta de alto rendimento despertou na adolescência, entre 13 e 18 anos, para a maioria das atletas.





- C. A partir dos 13 anos as participantes já encontraram empecilhos que as fizeram desistir do sonho de ser atleta. A idade com maior porcentagem é entre 16 e 18 anos, idade na qual as(os) jovens se dedicam ao vestibular ou a encontrar um trabalho.

Tabela 1 – Faixas etárias de início da prática, desejo de se tornar atleta e de desistência do esporte de alto rendimento

Faixa etária (anos)	4 a 6	7 a 9	10 a 12	13 a 15	16 a 18	19 a 21	22 a 24	25 a 28	+28
Início da prática	7,14%	14,28%	64,28%	10,71%	3,57%	0	0	0	0
Desejo de ser atleta de alto rendimento	0	3,57%	7,14%	60,71%	25%	3,57%	0	0	0
Desistência do esporte de alto rendimento	0	0	0	10,71%	35,71%	14,28%	10,71%	21,42%	7,14%

Fonte: construção das autoras.

A iniciação esportiva das participantes se deu em uma idade aproximada do início da prática de basquete de atletas profissionais que atuam na LBF (entre 9 e 12 anos) (BENELLI, 2018). Quanto à especialização esportiva, a literatura aponta que a faixa etária entre 13 e 15 anos é a mais recomendada, na qual os treinamentos passam a ser mais intensos, com maior volume e específicos para a modalidade, exigindo maior empenho dos atletas (COB, 2022). Nossos dados indicam que as participantes iniciaram e se especializaram em uma idade adequada para a modalidade. Entre os 16 e 18 anos a maioria desistiu da carreira de alto rendimento por motivos socio-econômicos e pela necessidade de se dedicar aos estudos, principalmente. Esses são os mesmos motivos pelos quais mulheres que se profissionalizaram no basquete acabaram abandonando a carreira em algum momento (BENELLI, 2018). Discutimos mais sobre os motivos de desistência no próximo tema de resultados.

Contexto de iniciação esportiva

Neste subtema apresentamos os Estados e o contexto em que participantes tiveram sua iniciação esportiva, descritos na Tabela 2.





O estado de São Paulo aparece como o principal e mais diversificado centro de iniciação, tendo atletas iniciadas em todos os contextos esportivos, enquanto Norte/Nordeste tem sua concentração de iniciação esportiva nas escolas.

Tabela 2 – Estados e contextos esportivos

Estado	Projeto social	Prefeitura	Sistema "S"*	Clube	Escola	Total
AM	0	0	0	0	3	3 (10,71%)
AL	0	0	0	0	1	1 (3,57%)
CE	0	0	0	2	0	2 (7,14%)
PE	0	0	0	0	1	1 (3,57%)
PR	0	1	0	0	0	1 (3,57%)
SE	0	0	0	0	1	1 (3,57%)
SC	0	1	0	1	1	3 (10,71%)
SP	3	3	2	5	3	16 (57,14%)
Total	3	5	2	8	10	28

*O Sistema "S" é composto por instituições administradas de forma independente por federações empresariais dos principais setores da economia, como o Serviço Social da Indústria (SESI).

Fonte: construção das autoras.

O estado de São Paulo se destaca dos demais por ter o maior número de participantes da pesquisa (57,14%), assim como em estudos feitos com atletas do Campeonato Brasileiro de Futebol, em 2021 (ACCOCELLA et al., 2023) e com as atletas da LBF (GALATTI et al., 2021). De acordo com o censo (IBGE, 2021), São Paulo é o estado mais populoso e conta com o segundo melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do país. Esse desenvolvimento, em conjunto com o aporte financeiro da região, proporciona um maior investimento nos esportes, tanto em categorias de formação, quanto de alto rendimento, possibilitando a prática em diversos contextos esportivos, como clubes, projetos sociais, parcerias com a prefeitura, entre outros. Os resultados apresentam um cenário similar, de maneira que São Paulo se destaca como o estado mais diversificado em centros de iniciação esportiva, tendo atletas iniciadas em pelos menos cinco contextos diferentes, com destaque para os grandes clubes das cidades.

Nas regiões Norte e Nordeste do país, a iniciação esportiva das participantes se concentrou em escolas, provavelmente, por conta da baixa quantidade de clubes esportivos, principalmente na região Norte (ACCOCELLA et al., 2023), fazendo com que a escola seja o ambiente mais acessível para se ter o primeiro contato com a modalidade.





Questões motivacionais para a prática

Observamos a influência de diversos fatores para iniciar a prática de um esporte coletivo, dentre eles, destacam-se o interesse em realizar alguma atividade física e o incentivo de terceiros, seja familiar, de algum professor/treinador ou até mesmo da própria escola. Construir relações de amizade nesse meio também foram fortes motivadores para o início e a permanência no esporte, enquanto as motivações para ser atleta de alto rendimento se basearam no gosto pela modalidade. As participantes apontam que gostarem de praticar e quererem ser remuneradas foram os principais motivadores do desejo de seguir uma carreira esportiva profissional.

Estudos mostram que a influência de familiares é essencial para o início da prática esportiva, enquanto na especialização o/a treinador/a passa a ser um/a influenciador/a chave para a manutenção de jovens no esporte. Por fim, a partir dos 16 anos, aproximadamente, as relações entre os pares e o ambiente esportivo passaram a ser essenciais para a permanência na carreira esportiva (CÔTÉ; TURNNIDGE; EVANS, 2014; CÔTÉ; TURNNIDGE; VIERIMAA, 2016). No nosso estudo percebemos que os agentes influenciadores (i.e. parentes próximos e professores escolares) foram importantes para início da prática das participantes. Contudo, faltaram ações que as sustentassem no basquetebol após a fase de especialização, que aprofundamos no tema a seguir.

Motivos de Desistência do Alto Rendimento

Aspectos financeiros

A influência negativa de questões financeiras se fez presente em 42,85% das participantes (n = 12). As participantes afirmaram que para se manterem no esporte eram necessárias condições que não tinham, por exemplo, materiais, tênis e roupas adequadas para a prática esportiva, além de disponibilidade financeira para o transporte até os locais de treino e para alimentação básica. Dentre elas, 75% recebiam algum auxílio para que pudessem praticar basquetebol, sendo que 58,33% recebiam bolsa de estudos 58,33% auxílio financeiro; 33,33% auxílio transporte; e 33,33% alimentação.

Outro motivo de desistência citado foi a necessidade de trabalhar. As participantes afirmaram que a carreira esportiva não trazia retorno financeiro suficiente e, dessa forma,





optaram por outra ocupação que possibilitasse o sustento de suas necessidades. A maioria das participantes (41,66%) afirmou que sua renda familiar permaneceu estável nos anos em que praticaram basquetebol. Vinte e cinco por cento das participantes declarou que não sabia se a renda familiar havia alterado ao longo dos anos. Outras declararam que aumentou (16,66%) ou diminuiu (16,66%).

A mesma lógica de se dedicar a algo com retorno financeiro e pessoal mais garantido vale para as atletas que interromperam a carreira esportiva para trabalhar. As participantes que seguiram jogando e trabalhando até a fase adulta afirmam que foi necessário diminuir ou parar com a prática esportiva na época, pois os horários de treino batiam com o trabalho ou era inviável de conciliar. O investimento para ser atleta profissional, além de físico, mental e financeiro (BENELI, 2018), requer disponibilidade de tempo para se dedicar à prática, o que é inviável para mulheres que não têm condições financeiras para se dedicarem exclusivamente ao esporte e têm a necessidade de trabalhar e até mesmo manter uma tripla jornada de trabalho, considerando o mercado de trabalho, o esporte e os afazeres domésticos, que ainda são atribuídos como parte da função social da mulheres, chegando a ocupar 17 horas semanais de esforço (IBGE, 2022). Então, podemos afirmar que a classe socioeconômica das mulheres é determinante para a sua permanência no esporte, principalmente, quando se atinge a categoria adulta.

Outro indicativo disso, é a influência positiva dos auxílios que as atletas recebem ao longo da sua trajetória. Ter algum tipo de auxílio, seja ele financeiro, alimentício, de transporte ou bolsa de estudos, vinculado ao esporte é um incentivo para continuar a prática, como mostram estudos com atletas profissionais de basquete feminino (GALATTI et al., 2021) e handebol feminino (LIMA, 2018). Nossos resultados mostram que 50% da amostra teve apoio financeiro enquanto tentava ser atleta profissional, e essas apresentaram uma média de idade de desistência do esporte correspondente a 23 anos, que é mais elevada que a das participantes que não receberam auxílio (entre 16 e 18 anos). Ou seja, as atletas que receberam auxílio financeiro para praticar basquetebol permaneceram nele por mais tempo, insistindo nessa carreira até que se tornasse inviável.

Prioridade aos estudos

Dentre as 28 participantes da pesquisa, 18 (64,28%) interromperam a trajetória para o alto rendimento devido à necessidade de ter tempo para se dedicarem aos estudos. A





maioria das participantes desse recorte amostral chegaram a concluir a pós-graduação (55,55%). Dentre as demais, 5,55% concluíram o ensino médio; 11,11% possuíam o ensino superior incompleto; 16,66% o superior completo; e 11,11% pós-graduação incompleta.

As participantes que estavam envolvidas em outras atividades concomitantemente ao basquetebol, como com a escola/faculdade, ou cursos profissionalizantes e de idiomas, relatam que o cansaço de manter essa rotina influenciava no rendimento escolar e esportivo. A necessidade de se dedicar aos estudos como o principal fator para desistir do esporte de alto rendimento, corroboram os resultados de Teixeira e colaboradores (2012) e Vianna e colaboradores (2022). Entre 16 e 18 anos é comum que ocorra uma mudança de prioridades, e as atletas direcionem a atenção para outras demandas, principalmente as que proporcionam mais oportunidades de crescimento profissional (VIANNA et al., 2022). O basquetebol feminino brasileiro não apresenta um cenário convidativo no quesito salarial para as atletas, impedindo que elas alcancem a independência financeira apenas com o esporte (GALATTI et al., 2021); então, se dedicar aos estudos ou outra carreira que não a esportiva é financeiramente mais estável.

Ambiente esportivo

O espaço físico, estrutura e materiais foram categorizados como adequados pela maioria das participantes (66,66%). Além disso, elas tiveram a possibilidade de treinar com equipes exclusivamente femininas próximas aos lugares onde residiam. Contudo, 53,57% teve sua trajetória esportiva profissional interrompida devido à falta de lugares para treinar ou à necessidade de mudar de cidade para continuar praticando. Esse recorte tem participantes de todas as regiões do país, com destaque para o estado de São Paulo e do Amazonas, com 53,33% e 20,00%, respectivamente.

Respostas como “falta de lugares para continuar treinando” e também “precisava me mudar de cidade/estado para continuar treinando”, destacam a falta de ofertas que possibilitem a continuidade no esporte. Os clubes têm um papel importante nisso, já que são historicamente a principal instituição de formação e desenvolvimento esportivo no Brasil (BENELI, 2018). A falta de lugares que oportunizem uma prática esportiva sistematizada e competitiva impossibilita as atletas de terem condições adequadas de treino e, conseqüentemente, de se dedicar ao esporte de alto rendimento.





Ao comparar a quantidade de clubes que investem no basquete de alto rendimento é possível destacar a notória desigualdade entre o esporte masculino e feminino, visto que na temporada de 2023/24 o NBB (Novo Basquete Brasil), principal liga de basquete masculino do país, possuía 19 equipes participantes (NBB, 2023), enquanto a LBF possuía apenas 8 equipes; menos da metade que o masculino (LBF, 2023).

No que concerne à representatividade, em relação aos e às profissionais ocupando papéis de liderança nas equipes, retratamos a representatividade com base em dois aspectos sociais, a cor da pele e o gênero. A representatividade, em termos de raça e gênero, é um fator importante para a longevidade de mulheres no esporte. Por exemplo, se ver representada nos papéis de liderança, tanto entre atletas (i.e. exemplos e ídolos inspiradores), quanto entre treinadoras pode contribuir para que atletas se sintam bem-vindas e mais confortáveis e tenham mais chances de que suas necessidades específicas sejam atendidas, além de terem acesso a informações mais especializadas, se inspirarem e aspirarem novas profissões, como a de treinadora, por exemplo (WASEND & LAVOI, 2019). Entretanto, os cargos de liderança esportivos são compostos, majoritariamente, por pessoas brancas, tendo como representantes de pessoas negras as próprias atletas da equipe.

Tabela 3 – A presença de mulheres e de pessoas negras em papéis de liderança nas equipes de basquetebol

Função de trabalho	Pessoas negras	Mulheres
Treinador/a	14 (50%)	16 (57,14%)
Funcionário/a do local	14 (50%)	1 (3,57%)
Preparador/a físico	3 (10,71%)	0
Coordenador/dirigente	2 (7,14%)	14 (50%)
Nutricionista	1 (3,57%)	0
Psicólogo/a	1 (3,57%)	0
Fisioterapeuta	0	1 (3,57%)
Não havia	26 (92,80%) *	9 (32,14%)

**Dentre as 28 pessoas que responderam o questionário, 24 (85,71%) pontuaram que as pessoas negras desses lugares onde praticaram basquetebol eram predominantemente atletas.*

Fonte: As autoras.

A maioria relatou a presença de pessoas negras nos ambientes em que praticaram esportes, entretanto, esse número cai ao relacionar essas pessoas a cargos de liderança dentro das equipes, de maneira que a presença de pessoas negras está predominantemente entre as próprias atletas e demais funcionários do local, evidenciando a falta de representatividade de





líderes negros/as. Esse achado reforça o conceito de racismo estrutural, que reflete uma estrutura social que impõe barreiras (i.e. financeiras, educacionais, além daquelas puramente baseadas na aparência) a pessoas pertencentes a grupos racializados, como as negras, dificultando o acesso a cargos e funções de liderança nas diferentes esferas sociais com base em suas características físicas, aqui no Brasil, já que em outras culturas a origem da pessoa também é alvo de preconceito (ALMEIDA, 2018). As barreiras e limitações impostas para a população negra inviabilizam o crescimento e desenvolvimento dessas pessoas também dentro do contexto esportivo, impondo prejuízos para atletas, torcedores, técnicos e gestores negros (FARIAS et al., 2020).

Em contrapartida, 14 participantes afirmaram que já tiveram treinadores/as negros/as em algum momento da sua trajetória, uma estatística interessante considerando que existem poucas pessoas negras em cargos técnicos, de coordenação, direção e gestão no esporte (GREGORIO; MELO, 2015). Esse dado pode indicar um avanço, mesmo que mínimo, na inclusão e oportunidade de cargos para pessoas negras em funções de liderança no contexto esportivo.

Em relação às mulheres em papéis de liderança, as participantes relataram que já tiveram contato com mulheres em diferentes cargos de liderança, com destaque para funções de coordenadora ou dirigente das equipes e também treinadoras, o que é um dado importante para a representatividade feminina em cargos de liderança esportiva. Entretanto, quando perguntamos às participantes a percepção delas sobre a quantidade de mulheres em cargos de liderança em relação ao total de pessoas que trabalhavam nos ambientes esportivos, 75% das respondentes afirmaram que havia poucas ou, até mesmo, nenhuma mulher nesses cargos. Significa que os ambientes esportivos eram majoritariamente compostos por homens, reforçando o estigma social de que o esporte e a prática de atividade física é destinada para homens (GIGLIO, 2018).

Quanto à presença de treinadoras mulheres na trajetória esportiva das participantes, a maioria declarou ter tido contato nas categorias de formação (53,57%). Nas demais categorias, 39,28% teve contato na iniciação esportiva de basquete, 35,71% em escolinhas de esportes, e 25,00% na categoria adulta. Portanto, nas três primeiras categorias, o percentual se mantém relativamente estável, mas no adulto a quantidade de treinadoras é menor, o que nos leva a crer que quanto maior o rendimento esportivo, menos mulheres estão à frente dessas equipes.





As mulheres são associadas a características da maternidade, como sensíveis e amorosas, responsáveis por cuidar e educar, de forma que é atribuída às mulheres a responsabilidade de ensinar as crianças (BATISTA; DINIZ; OLIVEIRA, 2022), o que pode ser exemplificado pela alta quantidade de professoras na educação básica (CENSO ESCOLAR, 2023) e também em categorias de base nos esportes, como apontam os resultados. Essa associação dificulta a inserção de treinadoras em modalidades de alto rendimento, devido a constantes questionamentos em relação às suas capacidades de comandar, colocando em xeque suas competências e conhecimentos esportivos e aumentando a necessidade da mulher de se provar capacitada para atuar em cargos de liderança em uma equipe.

Esses resultados vão ao encontro dos achados de Passero e colaboradores (2019), que apresentam avanços notáveis em relação à presença de mulheres nas comissões técnicas e de arbitragem na LBF, embora ainda vinculadas a cargos de menor visibilidade, como auxiliares e cronometristas. Esses dados refletem conquistas na busca das mulheres por sua inserção no esporte em geral, onde o cenário apresenta resistência dos gestores e instituições para a contratação de mulheres em cargos de treinadoras (FERREIRA; SALLES; MOURÃO, 2015). De fato, a via de acesso mais usual e prática para a entrada das mulheres nesse mercado é a recomendação ou o convite de alguém que já tenha reputação em cargos de liderança, como um treinador ou dirigente (FERREIRA; SALLES; MOURÃO, 2015). Essa rede de contatos facilita a inclusão de mulheres nesse ambiente.

Relação com treinadores/as

Investigamos se e como a relação das participantes com treinadores ou treinadoras poderia ter influenciado na desistência do esporte de alto rendimento. O perfil do ou da primeiro(a) e último(a) treinador(a) das participantes foi descrito a partir das principais características, relatos de comportamento e condutas de treinamento. A Figura 1 apresenta a quantificação de cada item.

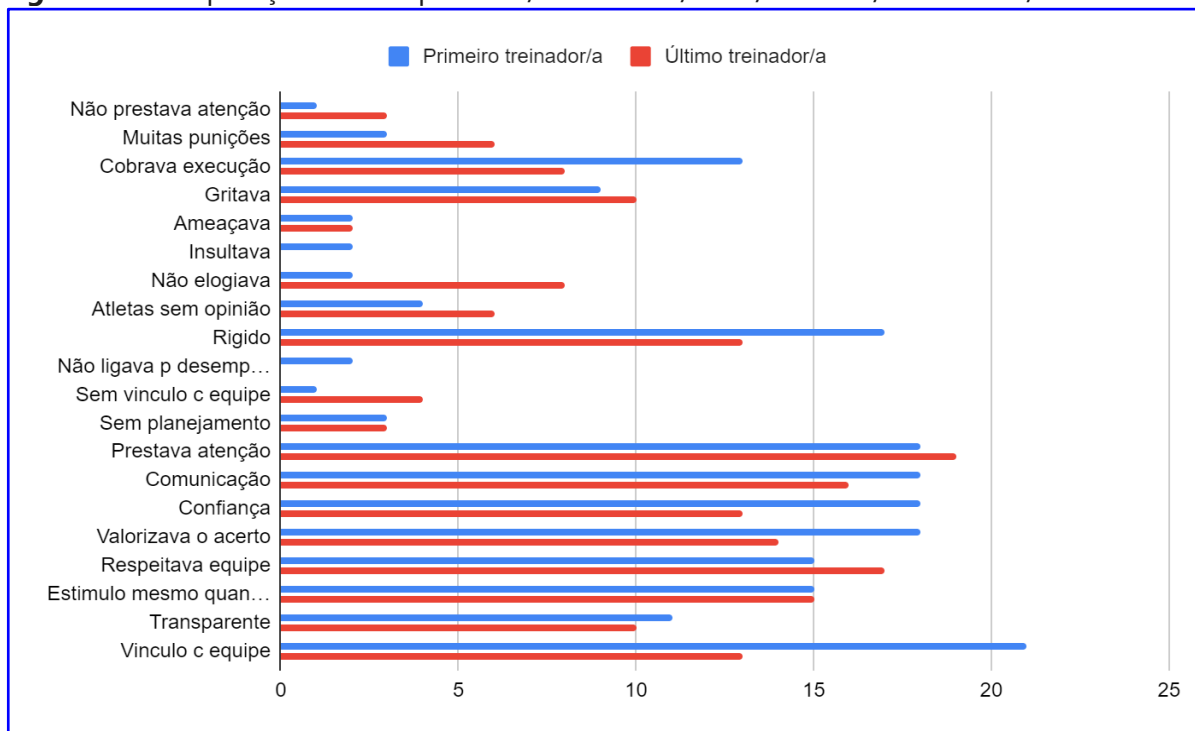
As primeiras treinadoras ou treinadores se destacaram quanto à boa comunicação, respeito com as atletas, confiança e, principalmente, por criar vínculo afetivo com a equipe, agindo com rigidez e atenção à execução correta de movimentos. Nas últimas treinadoras ou treinadores, a comunicação, o respeito e a valorização do acerto também se destacaram, mas com menos frequência e o mais pontuado pelas participantes foi a atenção aos treinamentos.





Entretanto, características autoritárias eram mais presentes, como as punições, bem como a falta de elogios.

Figura 1 – Comparação entre o primeiro/a treinador/a e o/a último/a treinador/a



Fonte: construção das autoras.

A partir da percepção das participantes, ter um bom relacionamento com as atletas era primordial para um treinador ou treinadora, o que gerava uma comunicação mais efetiva e transmitia confiança dentro da equipe. Enquanto treinadores ou treinadoras que as atletas afirmaram ter um relacionamento ruim possuíam características de cobrança excessiva, punições, má comunicação e não transmitiam confiança.

Treinadoras e treinadores podem influenciar positiva ou negativamente a experiência que os/as atletas/praticantes têm com o esporte. Lima (2018) afirma que relações de qualidade estabelecidas entre atletas e treinadoras ou treinadores são capazes de impulsionar o processo de desenvolvimento dos e das atletas, ao mesmo tempo que relações inadequadas podem afastar e/ou limitar as possibilidades de aprendizagem. A autora descreve que uma relação de qualidade tem como princípios a confiança, o respeito mútuo e a boa comunicação, que foram características citadas como aparentes pelas participantes da pesquisa, com destaque para as primeiras treinadoras ou treinadores.



As últimas treinadoras ou treinadores das participantes são caracterizados principalmente pela atenção aos treinos e respeito com a equipe, mas também como rígidos e que gritavam muito. Tais características podem ser associadas a comportamentos autoritários que tendem a distanciar treinadoras e treinadores de atletas. Essa postura não era bem vista pelas atletas, corroborando com Silva e colaboradores (2021), que discutem como a motivação esportiva pode ser afetada negativamente por este tipo de comportamento, promovendo insegurança e até mesmo queda de desempenho do/a atleta.

As participantes também descreveram os melhores e os piores treinos que já tiveram. Como treinos bons, nove dentre as 22 respondentes desta questão destacaram a conduta positiva da treinadora ou treinador treinador/a como ponto chave, com treinos considerados dinâmicos, divertidos e que demandavam interação entre as atletas. Também houve participantes que destacaram treinos físicos, competitivos e desafiadores. Ao descreverem os treinos considerados como os piores, 14 participantes das 21 que responderam essa questão, também citaram os/as treinadores/as como sendo o principal motivo, seja pela forma que se relacionavam com as atletas, de maneira ofensiva e agressiva verbalmente, ou pelos treinos serem nitidamente sem planejamento. Algumas participantes descreveram, inclusive, que esses/as treinadores/as tinham metodologia “fraca” e “não inovadora”, demonstrando falta de interesse. Esses resultados corroboram com estudos prévios que apontam que treinos monótonos e não divertidos são o principal motivo de evasão esportiva, tanto na iniciação quanto na fase de treinamento e rendimento (TEIXEIRA et al., 2012). Dito isso, é válido ressaltar a necessidade de profissionais graduados e competentes para a função de treinador/a, independente do contexto esportivo, possibilitando a construção de um ambiente apropriado e agradável para todos os envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o perfil, a trajetória e as motivações para a desistência do esporte de alto rendimento das participantes deste estudo, destacamos questões de múltiplas dimensões envolvidas no abandono da carreira esportiva profissional. Questões socioeconômicas, de infraestrutura, de motivação intrínseca e extrínseca, ganharam destaque nos resultados, com realce para os aspectos financeiros, que interferiram diretamente na disponibilidade de tempo das praticantes e no atendimento a necessidades básicas para a prática do esporte, como transporte e materiais esportivos.





O presente estudo alerta para a necessidade de democratização do esporte em geral e ampliação das oportunidades de acesso ao basquetebol para meninas. Nessa direção, ações no âmbito interno das organizações esportivas, como formação de treinadoras e treinadores para o emprego, de estratégias adequadas para que meninas se sintam bem-vindas e queiram continuar praticando são um caminho, bem como ações no âmbito das organizações esportivas, como o desenvolvimento de programas de formação esportiva que se atentem às necessidades específicas de meninas e mulheres, e no âmbito das políticas públicas, como a ampliação do número de locais e fortalecimento dos que já existem para oferecimento da prática esportiva de qualidade, no geral e do basquetebol em específico para meninas e mulheres. A gestão desses programas deve considerar a pluralidade das participantes e as características da região, como as condições financeiras, disponibilidade de tempo para a prática, acesso ao ambiente esportivo, entre outras questões. Essas ações devem valorizar o esporte de mulheres, facilitando o acesso, com estrutura adequada, participação em competições e parcerias com órgãos públicos e privados, de maneira que as mulheres tenham possibilidade de conciliar os estudos, trabalho e entre outras ocupações com os treinamentos. Desta maneira, a carreira profissional esportiva, por mais que ainda não seja com o salário e condições ideais, se torna uma possibilidade real para meninas e mulheres que sonham em alcançar esse objetivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACCOCELLA, Luã Rebollo e colaboradores. Da proibição à ascensão (onde?): mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes do futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro. **Motrivivência**, v. 35, n. 66, p. 1-17, 2023.

ALMEIDA, Silvio Luiz. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018

BARREIRA, Júlia. Mulheres em cargos de liderança no esporte: rompendo o teto de vidro ou percorrendo o labirinto?. **Movimento**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2021.

BATISTA, Nathalia Augusta; DINIZ, Silnara Grazielle; OLIVEIRA, Bruno Morais. **A responsabilidade civil do cônjuge pela sobrecarga mental gerada na mãe em razão da criação dos filhos**. 2020. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito). Universidade Potiguar, 2022.





BENELLI, Leandro de Melo. **Trajetória esportiva de atletas de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino no Brasil**: estudo retrospectivo. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria; WEATE, Paul. Using thematic analysis in sport and exercise research. In: SMITH, Brett; SPARKES, Andrew (Eds.). **Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise**, London, England: Routledge, 2016.

CENSO ESCOLAR. **Censo escolar da educação básica**, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/acervo-linha-editorial/publicacoes-institucionais/estatisticas-e-indicadores-educacionais/censo-da-educacao-basica-2022-notas-estatisticas>>. Acesso em: 09 nov. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO DO BRASIL (COB). **Modelo de desenvolvimento esportivo do Comitê Olímpico do Brasil**, 2022. Disponível em: <<https://www.cob.org.br/pt/documentos/download/a63aad29fb2e0/>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL (COI). **Tokyo 2020 first ever gender-balanced Olympic Games in history, record number of female competitors at Paralympic Games**. 2021. Disponível em: <<https://olympics.com/ioc/news/tokyo-2020-first-ever-gender-balanced-olympic-games-in-history-record-number-of-female-competitors-at-paralympic-games>>. Acesso em: 14 mai. 2022.

CÔTÉ, Jean; FRASER-THOMAS, Jessica. The health and developmental benefits of youth sport participation. In: CROCKER, Peter R. E. (Org.). **Sport psychology: a canadian perspective**. Toronto, Canadá: Pearson Prentice Hall, 2007.

CÔTÉ, Jean; TURNNIDGE, Jennifer; EVANS, M. Blair. The dynamic process of development through sport. **Kinesiologia slovenica**, v. 20, n. 3, p. 14-26, 2014.

CÔTÉ, Jean; TURNNIDGE, Jennifer; VIERIMAA, Matthew. A personal assets approach to youth sport. In: GREEN, Ken; SMITH, Andy (Eds.). **Routledge handbook os youth sport**. New York, USA: Routledge, 2016.

CÔTÉ, Jean; VIERIMAA, Matthew. The developmental model of sport participation: 15 years after its first conceptualization. **Science & sports**, v. 29, p. S63–S69, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

FARIAS, Lennon e colaboradores. A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. **Movimento**, v. 26, p. 1-18, 2020.





FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo do Carmo; MOURÃO, Ludmila. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Journal of physical education**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.

FRASER-THOMAS, Jessica L.; CÔTÉ, Jean; DEAKIN, Janice. Youth sport programs: an avenue to foster positive youth development. **Physical education and sport pedagogy**, v. 10, n. 1, p. 19-40, 2005.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Trajetória no basquetebol e perfil sociodemográfico de atletas brasileiras ao longo da carreira: um estudo com a liga de basquete feminino (LBF). **Movimento**, v. 27, n. 8, p. 1-26, 2021.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da seleção Brasileira na perspectiva das atletas. **Journal of physical education**, v. 26, n. 4, p. 621-632, 2015.

GALATTI, Larissa Rafaela e colaboradores. Esporte contemporâneo: perspectivas para a compreensão do fenômeno. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 3, p. 115-127, 2018.

GIGLIO, Sergio Settani e colaboradores. Desafios e percalços da inserção da mulher nos Jogos Olímpicos (1894-1965). **Record**, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2018.

GREGÓRIO, Fabrício; MELO, Beatriz de. Preconceito racial no esporte nacional. **Esporte e sociedade**, v. 1, n. 25, p. 1-31, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Índice de Desenvolvimento Humano**. 2021. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pesquisa/37/30255?tipo=ranking&localidade1=354850&localidade2=353110&ano=2021>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **PNAD Contínua**: outras formas de trabalho. 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/5616d6a502ea0befe38ba89412c9d31b.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2023.

LAVOI, Nicole M.; BAETH, Anna; CALHOUN, Austin Stair. Sociological perspectives of women in sport. In: LOUGH, Nancy; GEURIN, Andrea (Orgs.). **Routledge handbook of the business of women's sport**. London, England: Taylor & Francis, 2019.

LIGA DE BASQUETE FEMININO (LBF). **Equipes**. 2023. Disponível em: <<https://lbf.com.br/equipes/lbf/>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

LIMA, Leilane Alves de. **Carreira esportiva**: um estudo com atletas de excelência. 2018. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2018.





NOVO BASQUETE BRASIL (NBB). **Equipes**. Estatísticas. 2023. Disponível em: <<https://lnb.com.br/nbb/equipes>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

PASSERO, Julia e colaboradores. Gender (in) equality: a longitudinal analysis of women's participation in coaching and referee positions in the Brazilian women's basketball league. **Cuadernos de psicología del deporte**, v. 19, n. 1, p. 252-261, 2019.

PATTON, Michael. **Qualitative evaluation and research methods**. Beverly Hills, CA: Sage, 1990.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA DESENVOLVIMENTO - PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional - Movimento é Vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas**. Brasília, DF: PNUD, 2017.

SILVA, Luana Soares da e colaboradores. A influência da relação treinador-atleta na motivação do atleta. **Revista eletrônica de ciências humanas**, v. 4, n. 1, p. 1-6, 2021.

TEIXEIRA, Marcelo de Castro e colaboradores. Motivos do abandono da prática esportiva: uma revisão na literatura. **Educación física y deportes**, ano 15, n. 166, 2012.

TURNNIDGE, Jennifer; CÔTÉ, Jean. Applying transformational leadership theory to coaching research in youth sport: a systematic literature review. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 16, n. 3, p. 327-342, 2018.

VIANNA, Jose Antonio; ARRUDA, Ulhiana Maria de Medeiros; ARAUJO, Paulo Coelho. Motivos para a evasão das meninas em Projetos de Inclusão Social por meio do esporte. **Revista educação & formação**, v. 7, p. 1-19, 2022.

WASEAND, Matea; LAVOI, Nicole M. Are women coached by women more likely to become sport coaches? Head coach gender and female collegiate athletes' entry into the coaching profession. **Women in sport and physical activity journal**, v. 27, n. 2, p. 85-93, 2019.

Dados da primeira autora:

Email: a231004@dac.unicamp.br

Endereço: Rua Mário Soares de Barros, 164, Noiva da Colina, Piracicaba, SP, CEP: 13420-724, Brasil.

Recebido em: 26/02/2024

Aprovado em: 10/04/2024

Como citar este artigo:

URIZZI, Ana Carolina e colaboradores. O que leva as mulheres a não seguir na carreira como atletas de basquetebol? **Corpoconsciência**, v. 28, e.17196, p. 1-21, 2024.

